APOSTILA DE
SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO

3º ANO

1. A relação entre sociologia e educação

Prof. Renato Fialho Jr.

Aluna(o): _____

Turma: _____

"A escola que está perdendo a sua autonomia
também está perdendo a sua capacidade de educar para a liberdade".

(Moacir Gadotti. In: 'Pedagogia da Práxis'. São Paulo, Cortez, 2004. p.249)

OBS: Esta apostila será utilizada no decorrer do 1º Bimestre de 2018.

EDUCAÇÃO? EDUCAÇÕES: APRENDER COM O ÍNDIO

Pergunto coisas ao buriti; e o que ele responde é:
a coragem minha. Buriti quer todo o azul, e não se
aparta de sua água - carece de espelho. Mestre não é
quem sempre ensina, mas quem de repente aprende.
João Guimarães *Rosa/Grande Sertão: Veredas*

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. Com uma ou com várias: educação? Educações. E já que pelo menos por isso sempre achamos que temos alguma coisa a dizer sobre a educação que nos invade a vida, por que não começar a pensar sobre ela com o que uns índios uma vez escreveram?

Há muitos anos nos Estados Unidos, Virgínia e Maryland assinaram um tratado de paz com os Índios das Seis Nações. Ora, como as promessas e os símbolos da educação sempre foram muito adequados a momentos solenes como aquele, logo depois os seus governantes mandaram cartas aos índios para que enviassem alguns de seus jovens às escolas dos brancos. Os chefes responderam agradecendo e recusando. A carta acabou conhecida porque alguns anos mais tarde Benjamin Franklin adotou o costume de divulgá-la aqui e ali. Eis o trecho que nos interessa:

"... Nós estamos convencidos, portanto, que os senhores desejam o bem para nós e agradecemos de todo o coração.
Mas aqueles que são sábios reconhecem que diferentes nações têm concepções diferentes das coisas e, sendo assim, os senhores não ficarão ofendidos ao saber que a vossa idéia de educação não é a mesma que a nossa.
...Muitos dos nossos bravos guerreiros foram formados nas escolas do Norte e aprenderam toda a vossa ciência. Mas, quando eles voltavam para nós, eles eram maus corredores, ignorantes da vida da floresta e incapazes de suportarem o frio e a fome. Não sabiam como caçar o veado, matar o inimigo e
construir uma cabana, e falavam a nossa língua muito mal. Eles eram, portanto, totalmente inúteis. Não serviam como guerreiros, como caçadores ou como conselheiros.
Ficamos extremamente agradecidos pela vossa oferta e, embora não possamos aceitá-la, para mostrar a nossa gratidão oferecemos aos nobres senhores de Virgínia que nos enviem alguns dos seus jovens, que Ihes ensinaremos tudo o que sabemos e faremos, deles, homens."

De tudo o que se discute hoje sobre a educação, algumas das questões entre as mais importantes estão escritas nesta carta de índios. Não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a sua única prática e o professor profissional não é o seu único praticante.

Em mundos diversos a educação existe diferente: em pequenas sociedades tribais de povos caçadores, agricultores ou pastores nômades; em sociedades camponesas, em países desenvolvidos e industrializados; em mundos sociais *sem* classes, *de* classes, com este ou aquele tipo de conflito entre as suas classes; em tipos de sociedades e culturas sem Estado, com um Estado em formação ou com ele consolidado entre e sobre as pessoas.

Existe a educação de cada categoria de sujeitos de um povo; ela existe em cada povo, ou entre povos que se encontram. Existe entre povos que submetem e dominam outros povos, usando a educação como um recurso a mais de sua dominância. Da família à comunidade, a educação existe difusa em todos os mundos sociais, entre as incontáveis práticas dos mistérios do aprender; primeiro, sem classes de alunos, sem livros e sem professores especialistas; mais adiante com escolas, salas, professores e métodos pedagógicos.

A educação pode existir livre e, entre todos, pode ser uma das maneiras que as pessoas criam para tornar *comum,* como saber, como idéia, como crença, aquilo que é *comunitário* como bem, como trabalho ou como vida. Ela pode existir imposta por um sistema centralizado de poder, que usa o saber e o controle sobre o saber como armas que

reforçam a desigualdade entre os homens, na divisão dos bens, do trabalho, dos direitos e dos símbolos.

A educação é, como outras, uma fração do *modo de vida* dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade. Formas de educação que produzem e praticam, para que elas reproduzam, entre todos os que ensinam-e-aprendem, o saber que atravessa as palavras da tribo, os códigos sociais de conduta, as regras do trabalho, os segredos da arte ou da religião, do artesanato ou da tecnologia que qualquer povo precisa para reinventar, todos os dias, a vida' do grupo e a de cada um de seus sujeitos, através de trocas sem fim com a natureza e entre os homens, trocas que existem dentro do mundo social onde a própria educação habita, e desde onde ajuda a explicar - às vezes a ocultar, às vezes a inculcar - de geração em geração, a necessidade da existência de sua ordem.

Por isso mesmo - e os índios sabiam - a educação do colonizador, que contém o saber de seu modo de vida e ajuda a confirmar a aparente legalidade de seus atos de domínio, na verdade não serve para ser a educação do colonizado. Não serve e existe contra uma educação que ele, não obstante dominado, também possui como um dos seus recursos, em seu mundo, dentro de sua cultura.

Assim, quando são necessários guerreiros ou burocratas, a educação é um dos meios de que os homens lançam mão para criar guerreiros ou burocratas. Ela ajuda a pensar tipos de homens. Mais do que isso, ela ajuda a criá-los, através de passar de uns para os outros o saber que os constitui e legitima. Mais ainda, a educação participa do processo de produção de crenças e idéias, de qualificações e especialidades que envolvem as trocas de símbolos, bens e poderes que, em conjunto, constroem tipos de sociedades. E esta é a sua força.

No entanto, pensando às vezes que age por si próprio, livre e em nome de todos, o educador imagina que serve ao saber e a quem ensina mas, na verdade, ele pode estar servindo a quem o constituiu professor, a fim de usá-lo, e ao seu trabalho, para os usos escusos que ocultam também na educação - nas suas agências, suas práticas e nas idéias que ela professa- interesses políticos impostos sobre ela e, através de seu exercício, à sociedade que habita. E esta é a sua fraqueza.

Aqui e ali será preciso voltar a estas idéias, e elas podem ser como que um roteiro daqui para a frente. A educação existe no imaginário das pessoas e na ideologia dos grupos sociais e, ali, sempre se espera, de dentro, ou sempre se diz para fora, que a sua missão é transformar sujeitos e mundos em alguma coisa melhor, de acordo com as imagens que se tem de uns e outros: "... e deles faremos homens". Mas, na prática, a mesma educação que ensina pode deseducar, e pode correr o risco de fazer o contrário do que pensa que faz, ou do que inventa que pode fazer: "... eles eram, portanto, totalmente inúteis".

(Texto extraído do livro "O que é Educação", de C.R. Brandão)

A educação, indivíduo e sociedade

O que acontece quando a educação é insuficiente ou simplesmente não existe?

O "menino selvagem" de Aveyron: uma história verídica

Em 1797, um menino quase inteiramente nu foi visto pela primeira vez perambulando pela floresta de Lacaune, na França. Em 9 de janeiro de 1800, foi registrado seu aparecimento num moinho em Saint-Sernein, distrito de Aveyron. Tinha a cabeça, os braços e os pés nus; farrapos de uma velha camisa (sinal de algum contato com seres humanos) cobriam o resto do corpo. Sempre que alguém se aproximava, ele fugia como um animal assustado.

Era um menino de cerca de 12 anos, tinha a pele branca e fina, rosto redondo, olhos negros e fundos, cabelos castanhos e nariz comprido e aquilino. Sua fisionomia foi descrita como graciosa; sorria involuntariamente e seu corpo estava coberto de cicatrizes. Provavelmente abandonado na floresta aos 4 ou 5 anos, foi objeto de curiosidade e provocou discussões acaloradas principalmente na França.

Após sua captura, verificou-se que Victor (assim passou a ser chamado) não pronunciava nenhuma palavra e parecia não entender nada do que lhe falavam. Apesar do rigoroso inverno europeu, rejeitava roupas e também o uso de cama, dormia no chão sem colchão. Locomovia-se apoiado nas mãos e nos pés, correndo como os animais quadrúpedes.

Um olhar sociológico

Victor de Aveyron tornou-se um dos casos mais conhecidos de seres humanos criados livres em ambiente selvagem.

Médicos franceses, como Jean Étienne Esquirol (1772-1840) e Philippe Pinel (1745-1826), afirmavam que o menino selvagem sofria de idiotia, uma deficiência mental grave. Segundo eles, teria sido essa a razão pela qual os pais o haviam abandonado.

O psiquiatra Jean-Marie Gaspard Itard, diretor de um instituto de surdos-mudos, não compartilhava da opinião dos colegas. Quais as conseqüências, perguntava ele, da privação do convívio social e da ausência absoluta de educação para a inteligência de um adolescente que viveu assim, separado de indivíduos de sua espécie?

Itard acreditava que a situação de abandono e afastamento da civilização explicava o comportamento diferente do menino. Discordava, assim, do diagnóstico de deficiência mental para o caso.

No livro A educação de um homem selvagem, publicado em 1801, Itard apresenta seu trabalho com o menino selvagem de Aveyron, descrevendo as etapas de sua educação: ele já é capaz de sentar-se convenientemente à mesa, tirar a água necessária para beber, levar ao seu terapeuta as coisas de que necessita; diverte-se ao empurrar um pequeno carrinho e começa também a ler.

Cinco anos mais tarde, Victor já fabricava pequenos objetos e podava as plantas da casa. Com base nesses resultados, Itard reforçou sua tese de que os hábitos selvagens iniciais do menino e sua aparente deficiência mental eram apenas e tão-somente resultado de uma vida afastada de seus semelhantes e da civilização.

A partir de sua experiência com o menino, Itard formulou a hipótese de que a maior parte das deficiências intelectuais e sociais não é inata, mas tem sua origem na falta de socialização do indivíduo considerado deficiente, na falta de comunicação com seus semelhantes, especialmente de comunicação verbal. Aproximando-se de uma visão sociológica, o pesquisador concluiu que o isolamento social prejudica a sociabilidade do indivíduo. Ora, a sociabilidade é o que torna possível a vida em sociedade.

O caso do menino selvagem de Aveyron mostra que o ser humano é um animal social por excelência, como afirmava o filósofo grego Aristóteles (384-322 a.C.). Sua vida só adquire sentido na relação com outros seres humanos. **(veja o texto a seguir)**

Uma situação extrema: vivendo com lobos

Você certamente já ouviu falar de Mogli, o menino-lobo. Trata-se de uma criação literária do escritor anglo-indiano Rudyard Kipling (1865-1936). Na história de Kipling, Mogli é um menino inteligente e sociável que se dá muito bem com os animais e também com os seres humanos. Mogli é um personagem fictício criado pela imaginação do autor. Mas o que aconteceria realmente a um ser humano, caso fosse criado entre lobos?

A história a seguir pertence à vida real e mostra como o personagem Mogli está longe de refletir a realidade.

Duas meninas, **Amala** e **Kamala**, foram descobertas em 1921, numa caverna da Índia, vivendo entre lobos. Essas crianças, que na época tinham quatro e oito anos de idade, foram confiadas a um asilo e passaram a ser observadas por estudiosos. Amala, a mais jovem, não resistiu à nova vida e logo morreu. A outra porém, viveu cerca de oito anos.

Ambas apresentavam hábitos alimentares bem diferentes dos nossos. Como fazem normalmente os animais, elas cheiravam a comida antes de tocá-la, dilaceravam alimentos com os dentes e faziam pouco uso das mãos para beber e comer. Possuíam aguda sensibilidade auditiva e o olfato desenvolvido. Locomoviam-se de forma curvada, com as mãos apoiadas no chão, como o fazem os quadrúpedes. Kamala levou seis anos para andar de forma ereta. Notou-se também que a menina não ficava à vontade na companhia de pessoas, preferindo o convívio com os animais, que não se assustavam com sua presença e pareciam até entendê-la.

(Adaptado de: A. Xavier Telles. Estudos Sociais. São Paulo, Nacional, 1969. p. 115-6.)

FILME SUGERIDO: "O garoto Selvagem". França, 1970, dirigido por François Truffaut. É baseado no livro de Jean Itard (1774-1838), intitulado "Victor de l'Aveyron".

Conclusão

Assim como no caso do menino de Aveyron, a experiência das duas crianças criadas entre lobos na Índia mostra que os indivíduos só adquirem características realmente humanas quando convivem em sociedade com outros seres humanos, estabelecendo com eles relações sociais.

Outro personagem célebre surgido da imaginação do escritor norte-americano Edgar Rice Burroughs (1875-1950), é Tarzan. Criado por macacos na África, Tarzan aprendeu a ler sozinho, com a ajuda apenas de um livro encontrado em uma cabana. Além disso, demonstrava sentimentos humanos e defendia valores semelhantes aos da sociedade em que viveu o escritor.

Como obra de ficção, Tarzan sempre atraiu o interesse de jovens leitores, mas está tão distante da vida real quanto Mogli, o menino- lobo. Na verdade, crianças que crescem entre animais são incapazes de desenvolver atitudes e sentimentos humanos antes de qualquer contato com outros indivíduos de sua espécie que já vivam em sociedade.

Para o pensador Lucien Malson, a conclusão é clara: "Será preciso admitir que os homens não são homens fora do ambiente social, visto que aquilo que consideramos ser próprio deles, como o riso ou o sorriso, jamais ilumina o rosto das crianças isoladas".

A história das crianças selvagens, que sobreviveram quase milagrosamente entre os animais e penaram para alcançar algumas das características básicas de uma existência "civilizada", deixa uma lição que não pode ser ignorada: sem o denso tecido das relações sociais, do qual participa toda criança, simplesmente não há humanidade.

(Texto extraído do livro 'Introdução à sociologia', de Pérsio Santos de Oliveira. Editora Ática).

Educação e sociedade: processos de socialização e função das instituições sociais

O processo educativo que procura tornar o indivíduo um membro da sociedade é chamado de socialização. A socialização e, por decorrência, a educação dependem da capacidade que os homens têm de influírem uns no comportamento dos outros, modificando-se mutuamente, no processo de interação social. Em outras palavras, é a capacidade de os homens reagirem, de serem capazes de atuar junto a outros homens, aprendendo e ensinando, que torna possível a educação.

Na socialização atuam em interação os indivíduos e a sociedade. A socialização é um processo em construção, cujos agentes são o ser humano e o grupo social que o cerca. Nesse processo o indivíduo, ao mesmo tempo em que se aproxima da conduta do grupo em que vive, incorporando determinados padrões sociais, age, também, sobre o grupo, tendo a possibilidade de modificá-lo.

A socialização e a interação social, elementos do processo educativo, são também as condições e o resultado da vida social.

É grande a influência dos padrões sociais na vida dos indivíduos. Esses padrões chegam mesmo a interferir nos processos fisiológicos do organismo, na percepção do eu, do outro, do mundo. É possível, por exemplo, constatarmos que funções vitais, como a alimentação, estão sujeitas a determinações socialmente impostas. Temos fome em horários previamente determinados, aos quais nosso organismo se adapta.

O processo de socialização não termina com a inserção da criança na sociedade. A socialização é um processo permanente, que progressivamente passa a fazer parte do conjunto de experiências do indivíduo.

Segundo Peter e Brigitte Berger: "o nascimento representa a entrada num mundo que oferece uma riqueza aparentemente infinita de experiências. Grande parte dessas experiências não se reveste de caráter social. Evidentemente a criança ainda não sabe estabelecer essa espécie de distinção. Só em retrospecto torna-se possível a diferenciação entre os componentes não-sociais e sociais de suas experiências. Mas, uma vez estabelecida essa distinção, podemos afirmar que a experiência social também começa com o nascimento. O mundo da criança é habitado por outras pessoas. Ela logo aprende a distinguir essas pessoas, e algumas delas assumem uma importância toda especial. Desde o início a criança desenvolve uma interação não apenas com o próprio corpo e o ambiente, mas também com outros seres humanos. A biografia do indivíduo desde o nascimento é a história de suas relações com outras pessoas" (1978:200).

Os indivíduos organizam sua vida em sociedade formando instituições sociais. As instituições sociais são formas de ação ou de vivência a que os homens recorrem, sistematicamente, visando a satisfazer determinadas necessidades. Essa recorrência sistemática vai organizando essas formas de ação, de tal modo que as instituições se destacam do todo social por terem uma função ou finalidade, um objetivo que satisfaça a determinadas necessidades do homem, e uma estrutura, isto é, regras que organizam tanto as relações humanas dos que dela participam, como o espaço físico onde acontecem estas relações. A família, a escola, o Estado, a Igreja, o partido político etc. são exemplos de instituições sociais. As instituições sociais têm papel fundamental no processo de socialização.

A recorrência sistemática às instituições sociais pode dar a elas uma aparência estática, imutável, um caráter de permanência. Contudo, ao olharmos a história, vemos que há momentos em que as instituições sofrem sérias mudanças. A instituição familiar é um bom exemplo para compreendermos essa questão, dadas as transformações havidas nas relações entre pais e filhos nos últimos 30 anos, principalmente em famílias residentes nos centros urbanos. As mudanças nas instituições políticas do Estado brasileiro, nesse mesmo período, também mostram que as instituições se modificam pela ação dos homens.

Dentre as instituições sociais, destaca-se uma, primordial à vida em sociedade, que nem sempre é observada com atenção, embora seja uma das primeiras instituições com que o indivíduo se defronta. É a linguagem.

Se definirmos a instituição social como sendo uma força que atua sobre a conduta individual, logo perceberemos que qualquer outra instituição,

sejam quais forem suas características e finalidades, depende dos padrões de linguagem. Segundo Berger, "sejam quais forem as outras características das outras instituições – família, Estado, economia, sistema educacional etc. – as mesmas dependem dum arcabouço linguístico de classificações, conceitos e imperativos dirigidos à conduta individual; em outras palavras, dependem de um universo de significados construídos através da linguagem e que só por meio dela podem permanecer atuantes" (1978:193).

É através da linguagem que atribuímos significados às relações que estabelecemos com o ambiente ou com os outros homens.

O estudo da linguagem serve, também, para mostrar a permanência e a mudança das instituições sociais.

As diferentes formas de linguagem – oral, escrita, ou gestual – não tiveram sempre o mesmo peso.

Embora a linguagem escrita, nos dias atuais, tenha ganhado uma importância sem precedentes, a oralidade ainda é, em muitas situações, a única forma para conhecermos as manifestações culturais de muitos grupos humanos.

As linguagens oral e escrita sofrem continuamente modificações. Novos termos ou expressões são incorporados e outros são colocados em desuso.

Assim, embora tenham uma aparente estabilidade, as instituições sociais que formam a sociedade devem servir ao homem. É exatamente sobre essa relação homem / instituições sociais que deve incidir o olhar do sociólogo: nas tensões entre instituições e vida. Nos casos em que as instituições, ou parte delas, tornam-se rígidas, distanciando-se dos motivos pelos quais foram criadas, cabe ver que isso não acontece como uma tendência natural. As instituições são sociais, criadas a partir das relações existentes entre os homens. Sempre, nas instituições, estão presentes grupos de homens a quem interessa ou não a manutenção das instituições na forma como estão. As raízes da manutenção ou da mudança das instituições são, portanto, sociais e históricas, devendo ser analisadas nessas dimensões. Nas instituições há sempre uma certa tensão. Na família, por exemplo, a tensão entre gerações; no Estado, a tensão entre grupos ou classes distintas; na Igreja, a tensão entre elementos da hierarquia que a organiza etc. Na análise que faz das instituições, o sociólogo deve contribuir para o reconhecimento da existência dessa tensão, indicando as razões da tendência conservadora ou inovadora das instituições.

As instituições sociais foram criadas pelos homens. Elas não são naturais, isto é, não existem senão por vontade dos homens. Não serão modificadas por simples ação da natureza, mas pelos homens em sua ação e interação social. Elas são históricas: foram criadas em determinadas condições de vida social e devem ser mudadas sempre que necessário.

Isto também acontece com a instituição escola, que não existe da mesma forma nas diferentes sociedades, sendo inexistente em algumas, ainda que nessas estejam presentes múltiplas modalidades de educação.

Portanto, se os homens são produtos das instituições sociais, eles também agem para criá-las e modificá-las.

.....

KRUPPA, Sônia. O que torna possível a educação. In: _____. Sociologia da Educação. São Paulo: Cortez, 2002. p. 23-26.

Na língua dos bichos

Pesquisador brasileiro decifra o comportamento de aranhas, macacos e cachorros

César Ades é professor do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP).

(...) O pesquisador teve muitas vezes de explicar por que estuda psicologia entre animais. "Tenho sorte de ter feito o que me divertia. Mas realmente parece surreal estudar a teia de aranha em um instituto de psicologia. De repente eu tenho de justificar o meu ganha-pão", brinca. "Só que na verdade nunca deixamos de trabalhar com seres humanos. É uma perspectiva mais ampla. Ao mesmo tempo que a etologia se interessa pelo mecanismo - por exemplo, como funciona a mente -, tenta entender como esse funcionamento adapta o ser vivo ao seu ambiente e o encaixa nesse esquema maior, que é a vida." Para Hilton Japyassú, outro ex-aluno de Ades e hoje pesquisador do Instituto Butantan, foi a partir dessa visão que seu antigo professor conseguiu "formar boa parte dos etólogos do país, ajudando a disseminar um pensamento interdisciplinar em que biologia e psicologia se unem para compreender o fenômeno humano".

Ao tentar desvendar o comportamento e a inteligência dos animais, Ades se baseia no pensamento darwiniano, que pressupõe uma continuidade entre os seres vivos. "Existe uma semelhança dinâmica entre as espécies, mas cada uma se adapta a um meio que é típico dela. Uma vez que aceitamos a ideia de continuidade e de especificidades, não corremos o risco de simplificar o ser humano (ao dizer que ele é pouco mais que um macaco) ou os animais (dizendo simplesmente que eles não pensam)", explica. "Essa intuição é importante para abordar a inteligência. Temos de ao mesmo tempo encontrar a continuidade, as diferenças e ver em que medida as características humanas foram preparadas por conquistas evolutivas em outros animais e até que ponto alguma coisa no homem o toma específico."

No estudo com aranhas, Ades quis mostrar que existe uma flexibilidade do comportamento. "O sistema nervoso foi programado para cumprir certas tarefas de sobrevivência, o chamado comportamento instintivo. Mas também foi construído para ter plasticidade. E acredito que todos os animais têm capacidade de modificar seu comportamento de acordo com a experiência." Trabalhando com um animal conhecido tipicamente pelo seu instinto, esse contraste ficou mais evidente.

Em uma série de testes, Ades comprovou que as aranhas têm memória e são capazes de aprender. Ele analisou, por exemplo, sua movimentação na teia durante a caça. Quando um inseto cai ali, a aranha injeta nele um veneno paralisante e o envolve com fios de seda para levá-lo até o centro da teia, onde irá devorá-lo. Mas se, durante a refeição, um outro bicho cai na teia, a aranha deixa o primeiro amarrado e vai até a nova presa para repetir o procedimento. Só que em vez de levá-la até o centro, a aranha termina de devorar a primeira e só depois volta para resgatar a segunda. Ades descobriu que a aranha usava a memória para isso. Para comprovar que ela não se guiava, por exemplo, por olfato, ele retirou a presa da teia e observou a aranha ir até o ponto de origem e, perplexa, encontrá-lo vazio.

Em outro teste, ele checou se a construção da teia realmente dependia somente do instinto ou se as aranhas poderiam aprender o procedimento. Ele então colocou alguns exemplares de *A.argentata* em caixas horizontais. Como estão acostumadas a construir teias na vertical, se viram diante de um problema, e no começo ficaram desorientadas, colocando os fios caoticamente. Dias depois começaram a tecer estruturas mais coerentes e em algumas semanas já tinham teias completas e funcionais. O experimento foi repetido algum tempo depois de elas só trabalharem na vertical e, quando forçadas a construir suas teias na horizontal, foram mais ágeis, numa indicação de que tinham aprendido.

"Esses estudos cabem bem na ideia de que não há uma dicotomia entre o instintivo e o aprendido, entre o ser humano e os animais. Fico especialmente contente em mostrar que um animal aparentemente tão simples quanto uma aranha é capaz de usar sua experiência", afirma o pesquisador.

A nova meta de Ades agora é tentar, junto com Hilton Japyassú, estudar a evolução da inteligência entre as aranhas. O pesquisador do Butantan já trabalha com a evolução de comportamentos típicos, como caça e construção da teia, mas a ideia, inédita, é usar a aprendizagem como base para reconstruir a filogênese das espécies. "Entre uma série de aranhas, vamos analisar tarefas em que a memória esteja envolvida e ver se de repente há uma evolução desse aspecto. É comum falar em evolução de um certo instinto, mas dizer que alguns animais adquiriram a memória como uma adaptação ao tipo de vida deles é muito complexo".

Além de estudar aranhas, Ades coordena hoje outros três núcleos de pesquisa: comunicação animal, comportamento social comparativo entre cobaias e preás e cognição de cachorros.

O grupo que trabalhou sobre a comunicação dos muriquis, macacos, também conhecidos como monos-carvoeiros, por causa da cara preta, descobriu que eles são capazes de recombinar 14 elementos sonoros e produzem mais de 30 chamados vocais, num processo semelhante ao que usamos para formar palavras. O pesquisador Francisco Dyonísio Cardoso Mendes, da Universidade Católica de Goiás, então sob orientação de Ades, encontrou no vocabulário dos muriquis sons típicos para brincadeiras, alertas, convocações da mãe, etc. Mas a principal novidade foi a descoberta de um tipo de conversa, na qual um macaco chama e outro responde quando o grupo está em movimento sobre as árvores. Os relinchos ou sons estacados que compõem esta interação vocal podem significar algo como "estou longe, me esperem" ou "estou por perto". Em suma, coordenam a locomoção coletiva no meio do arvoredo. Mas os pesquisadores perceberam que os muriquis também "falam" quando não estão se locomovendo, como se estivessem conversando o tempo todo.

(...) Por fim, o pesquisador coordena o projeto com a cachorra Sofia. A vira-latinha foi treinada para diferenciar frases com dois termos, como "buscar bola" e "apontar palito", e aprendeu a manipular um teclado com símbolos aleatórios para pedir coisas como comida, passeio, carinho, água etc. ao seu dono. "Ela alterna o olhar entre o que quer e o dono. Se mostramos um brinquedo para a Sofia e o escondemos logo em seguida, ela corre para o teclado e aperta o símbolo de brinquedo. Se você esconde o brinquedo dentro da casinha, ela aperta a tecla da casinha. E uma vez mostramos uma cobaia e ela apertou comida", se diverte.

Essas múltiplas pesquisas mostram o caráter incentivador de Ades na formação de novos pesquisadores e na disseminação do pensamento etológico no Brasil. "Todos esses projetos só foram possíveis por termos orientandos motivados. Há várias formas de criar uma carreira científica. Ou você segue uma única ideia ao longo de sua carreira, ou você explora vários temas. Eu sou mais do tipo explorador".

POR Giovana Girardi (Trecho extraído da Revista Scientific American Brasil, nº 48 - maio/06)

Educando com o exemplo

Por Eduardo Galeano. In: 'De pernas pro ar: A escola do mundo ao avesso'. Porto Alegre: L&PM, 1999.

SE ALICE VOLTASSE

Há 130 anos, depois de visitar o país das maravilhas, Alice entrou num espelho para descobrir o mundo ao avesso. Se Alice renascesse em nossos dias, não precisaria atravessar nenhum espelho: bastaria que chegasse à janela.

A escola do mundo ao avesso é a mais democrática das instituições educativas. Não requer exame de admissão, não cobra matrícula e dita seus cursos, gratuitamente, a todos e em todas as partes, assim na terra como no céu: não é por nada que é filha do sistema que, pela primeira vez na história da humanidade, conquistou o poder universal.

Na escola do mundo ao avesso o chumbo aprende a flutuar e a cortiça a afundar. As cobras aprendem a voar e as nuvens a se arrastar pelos caminhos.

OS MODELOS DO ÊXITO

O mundo ao avesso gratifica o avesso: despreza a honestidade, castiga o trabalho, recompensa a falta de escrúpulos e alimenta o canibalismo. Seus mestres caluniam a natureza: a injustiça, dizem, é lei natural. Milton Friedman, um dos membros mais conceituados do corpo docente, fala da "taxa natural de desemprego". Por lei natural, garantem Richard Herrnstein e Charles Murray, os negros estão nos mais baixos degraus da escala social. Para explicar o êxito de seus negócios, John Rockefeller costumava dizer que a natureza recompensa os mais aptos e castiga os inúteis. Mais de um século depois, muitos donos do mundo continuam acreditando que Charles Darwin escreveu seus livros para lhes prenunciar a glória.

Sobrevivência dos mais aptos? A aptidão mais útil para abrir caminho e sobreviver, o killing instinct, o instinto assassino, é uma virtude humana quando serve para que as grandes empresas façam a digestão das pequenas empresas e para que os países fortes devorem os países fracos, mas é prova de bestialidade quando um pobre-diabo sem trabalho sai a buscar comida com uma faca na mão. Os enfermos da patologia antissocial, loucura e perigo de que cada pobre é portador, inspiram-se nos modelos de boa saúde do êxito social. O ladrão de pátio aprende o que sabe elevando o olhar rasteiro aos cumes: estuda o exemplo dos vitoriosos e, mal ou bem, faz o que pode para lhes copiar os méritos. Mas "os fodidos sempre serão fodidos", como costumava dizer Dom Emílio Azcárraga, que foi amo e senhor da televisão mexicana. As possibilidades de que um banqueiro que depena um banco desfrute em paz o produto de seus golpes são diretamente proporcionais às possibilidades de que um ladrão que rouba um banco vá para a prisão ou para o cemitério.

Quando um delinquente mata por dívida não paga, a execução se chama ajuste de contas; e se chama plano de ajuste a execução de um país endividado, quando a tecnocracia internacional resolve liquidá-lo. A corja financeira sequestra os países e os arrasa se não pagam o resgate. Comparado com ela, qualquer bandidão é mais inofensivo do que Drácula à luz do sol. A economia mundial é a mais eficiente expressão do crime organizado. Os organismos internacionais que controlam a moeda, o comércio e o crédito praticam o terrorismo contra os países pobres e contra os pobres de todos os países, com uma frieza profissional e uma impunidade que humilham o melhor dos lança-bombas.

A arte de enganar o próximo, que os vigaristas praticam caçando incautos pelas ruas, chega ao sublime quando alguns políticos de sucesso exercitam seus talentos. Nos subúrbios do mundo, chefes de estado vendem saldos e retalhos de seus países, a preço de liquidação de fim de temporada, como nos subúrbios das cidades os delinquentes vendem, a preço vil, o butim de seus assaltos.

Os pistoleiros de aluguel realizam, num plano menor, a mesma tarefa que cumprem, em grande escala, os generais condecorados por crimes elevados à categoria de glórias militares. Os assaltantes que, à espreita nas esquinas, atacam a manotaços, são a versão artesanal dos golpes dados pelos grandes especuladores, que lesam multidões pelo computador. Os violadores que mais ferozmente violam a natureza e os direitos humanos jamais são presos. Eles têm as chaves das prisões. No mundo como ele é, mundo ao avesso, os países responsáveis pela paz universal são os que mais armas fabricam e os que mais armas vendem aos demais países. Os bancos mais conceituados são os que mais narcodólares lavam e mais dinheiro roubado guardam. As indústrias mais exitosas são as que mais envenenam o

planeta, e a salvação do meio ambiente é o mais brilhante negócio das empresas que o aniquilam. São dignos de impunidade e felicitações aqueles que matam mais pessoas em menos tempo, aqueles que ganham mais dinheiro com menos trabalho e aqueles que exterminam mais natureza com menos custo.

Caminhar é um perigo e respirar é uma façanha nas grandes cidades do mundo ao avesso. Quem não é prisioneiro da necessidade é prisioneiro do medo: uns não dormem por causa da ânsia de ter o que não têm, outros não dormem por causa do pânico de perder o que têm. O mundo ao avesso nos adestra para ver o próximo como uma ameaça e não como uma promessa, nos reduz à solidão e nos consola com drogas químicas e amigos cibernéticos. Estamos condenados a morrer de fome, a morrer de medo ou a morrer de tédio, isso se uma bala perdida não vier abreviar nossa existência.

Será esta liberdade, a liberdade de escolher entre ameaçadores infortúnios, nossa única liberdade possível? O mundo ao avesso nos ensina a padecer a realidade ao invés de transformá-la, a esquecer o passado ao invés de escutá-lo e a aceitar o futuro ao invés de imaginá-lo: assim pratica o crime, assim o recomenda. Em sua escola, escola do crime, são obrigatórias as aulas de impotência, amnésia e resignação. Mas está visto que não há desgraça sem graça, nem cara que não tenha sua coroa, nem desalento que não busque seu alento. Nem tampouco há escola que não encontre sua contra-escola.

****

MENSAGEM AOS PAIS

Hoje em dia as pessoas já não respeitam nada. Antes, colocávamos num pedestal a virtude, a honra, a verdade e a lei... A corrupção campeia na vida americana de nossos dias. Onde não se obedece outra lei, a corrupção é a única lei. A corrupção está minando este país. A virtude, a honra e a lei se evaporaram de nossas vidas.

(Declarações de Al Capone ao jornalista Cornelius Vanderbilt Jr. Entrevista publicada na revista Liberty em 17 de outubro de 1931, dias antes de Al Capone ir para a prisão.)

CHICO PRETO
Composição: *Paulo César Pinheiro & João Nogueira*
Intérprete: João Nogueira

Nasceu moleque preto, é mane
Na zona do pecado, é negão
Cresceu dentro dos gueto, é mais um
Vivendo de armação, cafetão
Crioulo analfabeto, é ninguém
Foi marginalizado, é ladrão
Mas tem curso completo, é FEBEM
Pela contravenção, bandidão

Chico Preto, camarada
Os home tão querendo te mandar pro céu
Andaram te entregando, armaram uma cilada
Com as dica dos pé-sujo, os cara de aluguel
Subiram o Cantagalo, entraram na Cruzada
Cercaram a Caixa-D'Água, invadiram o Borel
Passaram na Rocinha, fecharam a bocada
Já estão na Catacumba que é o teu quartel

É cheio de processo, ele é o tal
Tem retrato falado, ele é o bão
Pra todo lado impresso em jornal
Mas não pegou prisão, ele é o cão
Malandro de cadeira, é dotô
Jamais foi grampeado na mão
Na eterna brincadeira que entrou
De polícia e ladrão, tresoitão

Chico Preto, amizade
A tua vida é mesmo de tirar o chapéu
Pulando que nem sapo pra fugir das grade
Andando pelo mato que nem cascavel
Morando que nem rato só por liberdade
Vivendo que nem bicho num mundo cruel
Ganga Zumba do morro, Zumbi da cidade
A tua história um dia vai virar cordel

MANGUETOWN
Composição: Chico Science
Intérprete: Paralamas do Sucesso

Eu tô enfiado na lama
É um bairro sujo
Aonde os urubus têm casas
E eu não tenho asas

Mas estou aqui em minha casa
Aonde os urubus têm asas
Eu vou pintando, segurando as paredes
No mangue do meu quintal e manguetown

Andando por entre os becos
Andando em coletivos
Ninguém foge ao cheiro sujo
Da lama da manguetown (2x)

Esta noite sairei, vou beber com meus amigos...
E com as asas que os urubus me deram ao dia
Eu voarei por toda a periferia
Vou sonhando com a mulher
Que talvez eu possa encontrar
E ela também vai andar na lama do meu quintal é
Manguetown

Andando por entre os becos
Andando em coletivos
Ninguém foge ao cheiro sujo
Da lama da manguetown (4x)

Fui no mangue catar lixo
Pegar caranguejo
Conversar com urubu

FILME SUGERIDO:
Escolarizando o mundo: o último fardo do homem branco.
Direção: Carol Black.
Estados Unidos / Índia. 2010. 66min.

11 clássicos: o essencial de suas contribuições à Sociologia da Educação

SOCIOLOGIA EDUCACIONAL BURGUESA

Auguste Comte (1798-1857) - é o pai do positivismo, teoria que se contrapõe ao iluminismo burguês e ao socialismo científico proletário de Marx e Engels. Comte cria o termo sociologia (depois de tê-la chamado de "Física social") e estipula o lema "ordem e progresso", orientador de toda a sua concepção. Faz elogios à ordem católica e feudal da Idade Média. Dentro de uma linha de revalorização do catolicismo, típica de sua época, atacou o protestantismo, considerando-o uma religião negativa e anárquica intelectualmente.

Émile Durkheim (1858-1917) - propôs uma educação que reiterasse a ordem capitalista e que reforçasse seu anseio pelo progresso econômico burguês. Propõem, assim, uma educação UNA (baseada na moral e na ordem) e MÚLTIPLA (cívica, baseada na especialização profissional para o progresso capitalista). Educação é socialização, tarefa do Estado. Durkheim contribui para a construção de uma visão mítica do Estado e da educação - visão esta supostamente neutra e conciliadora. Nutre admiração pela idade média, tempo em que reinou a escolástica – idealista e metafísica.

Max Weber (1864-1920) - via na pedagogia do treinamento, imposta pela racionalização da vida, o fim da possibilidade de desenvolver o talento do ser humano, em nome da preparação para a obtenção de poder e dinheiro. A racionalização é inexorável, invencível, e a educação especializada, a lógica do treinamento, para Weber, também é. Para ele, não há nada que se possa fazer a respeito. Weber é um liberal romântico e pessimista inveterado.

Pierre Bourdieu (1930-2002) - sua tese central é a de que toda a ação pedagógica é, objetivamente, uma violência simbólica (uma imposição arbitrária cultural e dissimulada) das classes dominantes sob a sociedade através do sistema de ensino. Considera que a barreira da dominação social é intransponível. (Bourdieu e Passeron). Foi influenciado por Durkheim e o Estruturalismo (determinismo social sobre o indivíduo).

Karl Mannheim (1893-1947) - retoma a formulação de Weber e sua tese acerca dos tipos de educação (as pedagogias do cultivo e do treinamento) e dá a ela a perspectiva de um programa para a mudança da educação. Defendia uma sociedade que fosse essencialmente democrática, uma democracia de bem-estar social dirigida pelo planejamento racional e governada por cientistas. A educação pode regenerar a sociedade dos efeitos da racionalização, fomentando a educação do cultivo e a democracia. (Ele viveu a crise de 29 e o fim da II guerra; sofreu influência de Weber).

SOCIOLOGIA EDUCACIONAL PROLETÁRIA

Karl Marx (1818-1883) - propôs uma educação que liberte o homem da especialização alienante própria da sociedade capitalista (a educação onilateral). A Educação pertence à esfera da superestrutura (política e ideológica), que é determinada pela infra-estrutura (econômica). Ser x Consciência. Classe em si x Classe para si: construção de uma educação libertária (comunista): "O proletariado tem necessidade da sua dignidade mais ainda do que do seu pão". Concebe uma dialética entre sociedade e indivíduo.

José Martí (1853-1895) - imbuído do ideário iluminista, propõe uma educação baseada em princípios claros e firmes como o mármore. Em "A Idade de Ouro", obra magistral dedicada às crianças, escreve com agradável senso poético e filosófico, histórias de elevado conteúdo ético e moral. Ler Martí é estar diante de uma proposta educacional libertadora, justa e compromissada com a verdade. É dele a frase: "Pátria é humanidade". José Martí foi o grande mártir da Independência de Cuba na luta contra o colonizador espanhol.

Antón Makarenko (1888-1939) - Dedicou 30 anos de sua vida à atividade pedagógica, onde educou mais de três mil crianças. Nos últimos 15 anos de sua vida, buscou aperfeiçoar o sistema de educação soviético, transformado num belo coletivo de educandos e educadores, que fez jus a todos os seus preceitos e às necessidades da educação do "novo homem" soviético. Makarenko se engajou na luta pelo socialismo como educador marxista que foi. Lutou para educar os filhos do povo soviético como homens a serviço de sua pátria e do socialismo; denunciou em suas obras, impiedosamente, o idealismo e a metafísica na Pedagogia.

Antônio Gramsci (1891-1937) - marxista italiano, considera essencial "ganhar a batalha das ideias". Propõe a luta (pela hegemonia) contra a apropriação privada, ou elitista, do saber e da cultura. Com isso, diz ele, a meta é acabar com a divisão entre "intelectuais" e "pessoas simples". Concorda com

Maquiavel, quando diz que “é preciso mais convencimento do que força” (consenso social). Os intelectuais são originados na escola, daí a importância de lutar nesta esfera de poder para que o proletariado possa formar seus próprios intelectuais. Preso por muitos anos, foi vítima do fascismo de Mussolini.

Ernesto Che Guevara (1928-1967) - considera que a sociedade deve transformar-se numa escola gigantesca. A educação deve estar focada na formação do “homem novo”: humanista, digno, justo, libertário, comunista; mais rico interiormente, mais responsável, um homem que se reconhece na sua obra e que, uma vez quebradas as correntes da alienação, “atingirá a consciência plena do seu ser social, a sua total realização como criatura humana”.

István Mészáros (1930-?) - Propõe uma educação que vá para além do capital. E para romper a lógica do capital, no domínio educacional, os remédios "não podem ser formais; eles devem ser essenciais, ou seja, abarcar a totalidade das práticas educacionais da sociedade estabelecida. Recupera o conceito de alienação de Marx que, segundo ele, tem quatro aspectos principais: a) o homem está alienado da natureza; b) está alienado se si mesmo (de sua própria atividade); c) de seu 'ser genérico' (de seu ser como membro da espécie humana); d) o homem está alienado do homem (dos outros homens).

Fragmentos selecionados

Antón Makarenko

“A autoridade do suborno é a forma mais imoral: trata-se da obediência comprada por presentes e promessas. Os pais, sem perceber a violência aí implícita, dizem aos filhos: se me obedecer, comprarei um cavalinho pra você; se obedecer, iremos ao circo.”

“A honestidade não cai do céu, é adquirida pela educação em família. Também pode formar-se nela a desonestidade: tudo depende do método educativo. O que é a honestidade? É a atitude sincera, aberta. A desonestidade é ocultação, falta de sinceridade. Se a criança deseja uma maçã e o manifesta abertamente, é honesta. Se oculta esse desejo e trata de apoderar-se da maçã sem que ninguém veja, incorre numa desonestidade. Se a mãe lhe dá a fruta sem que as outras crianças vejam - ainda que se trate de estranhos - com sua atitude inculca a desonestidade... Só numa idade maior a criança aprenderá a distinguir o segredo necessário... Na primeira infância, quanto menos segredos tiver a criança e mais franca for, melhor será para a sua educação.” (In: 'Conferências sobre educação infantil')

“Eu exigia a educação de um ser humano resistente e forte, capaz de executar também trabalhos desagradáveis e trabalhos tediosos, se eles são requeridos pelos interesses do coletivo.” (In: 'Poema Pedagógico')

István Mészáros

“Na sua época Paracelso estava absolutamente certo, e não está menos certo atualmente: ‘A aprendizagem é a nossa vida, desde a juventude até à velhice, de fato quase até à morte; ninguém vive durante dez horas sem aprender.’ A grande questão é: o que é que aprendemos de uma forma ou de outra? Será ela conducente à auto-realização dos indivíduos como ‘indivíduos socialmente ricos’ humanamente (nas palavras de Marx), ou está ela ao serviço da perpetuação, consciente ou não, da ordem social alienante e finalmente incontrolável do capital?”

“...torna-se bastante claro que a educação formal não é a força ideologicamente primária que cimenta o sistema capitalista; nem é capaz de, por si só, fornecer uma alternativa emancipadora radical. Uma das funções principais da educação formal nas nossas sociedades é produzir tanta conformidade ou ‘consenso’ quanto for capaz a partir de dentro e através dos seus próprios limites institucionalizados e legalmente sancionados. Esperar da sociedade mercantilizada a promulgação ativa – ou mesmo a mera tolerância – de um mandato às suas instituições de educação formal que as convidasse a abraçar plenamente a grande tarefa histórica do nosso tempo: ou seja, a tarefa de romper com a lógica do capital no interesse da sobrevivência humana, seria um milagre monumental. É por isso que, também no domínio educacional, os remédios "não podem ser formais; eles devem ser essenciais". Por outras palavras, eles devem abarcar a totalidade das práticas educacionais da sociedade estabelecida” Assim, ninguém pode realmente escapar da "formidável prisão" do sistema escolar estabelecido (condenado nestes termos por José Martí) simplesmente reformando-o. Pois o que lá estava antes de tais reformas mais cedo ou mais tarde será certamente restabelecido devido ao fracasso absoluto em desafiar através de qualquer mudança institucional isolada a lógica agressiva global do próprio capital... (In: 'A Educação para além do Capital')